

**RELAÇÕES CULTURAIS E DIFERENÇA DE ESCOLARIZAÇÃO NA HISTÓRIA
DAS MULHERES MIGRANTES (ITUIUTABA 1950-1960)
EIXO TEMÁTICO 1: Educação, História da Educação e Ensino de História**

Daiane de Lima Soares Silveira*
Universidade Federal de Uberlândia
daianelss@hotmail.com

Sauloéber Tarsio de Souza*
FACIP/UFU
sauloeber@gmail.com

Resumo: O artigo tem por objetivo apresentar como tem se configurado o Projeto de Mestrado, *Migrantes Nordestinas e Escolarização em Ituiutaba-MG (ANOS 1950-1960)*, ademais pretende-se oferecer resultados parciais. A pesquisa refere-se à escolarização das migrantes nordestinas quando essas mulheres, ainda meninas, migraram com suas famílias para a região do pontal mineiro, momento esse propício para a migração, pois que a região, nesse período (1950-1960) era anunciada como celeiro econômico, atraindo a migração. Intenciona-se compreender como se deu o processo de inserção e permanência das mulheres migrantes no sistema escolar de Ituiutaba, nos anos de 1950 e 1960. Especificamente objetiva conhecer as relações culturais entre migrantes nordestinas e tijuquanos existentes no interior da escola, além de entender as diferenças entre a escolarização dos filhos e das filhas dos migrantes nordestinos. Na busca por conhecer ex-alunos migrantes nordestinos ou filhos de migrantes, percebeu-se singular dificuldade em encontrar meninos que tiveram inserção e permanência nas instituições escolares no momento escolhido para estudo. Tal problema tornou-se dado de pesquisa, quando se percebeu que os meninos deveriam trabalhar junto ao pai, colaborando com o sustento da família, encontrando, portanto, maiores dificuldades em garantir sua educação escolar, em comparação às meninas. Assim, tornou-se evidente a maior proporção de mulheres que tinham garantido sua escolarização. Para conhecer, então, a história dessas migrantes, a principal fonte utilizada tem sido a oral. Mas, pretende-se “ter em mente outras fontes” (ALBERTI, 2008), portanto, recorreu-se aos impressos, como um importante recurso, embora se verificasse o silenciamento desta fonte no que diz respeito aos migrantes. Outras fontes serão analisadas, na busca por *transformar o material em história* (CERTEAU, 1979), como imagens fotográficas, Atas escolares, os Livros de matrículas e outros que serão pertinentes. Observou-se até agora, que a convivência no interior da escola esteve pautada no preconceito e na discriminação, certamente reflexo do que acontecia na sociedade tijuquana. No que se refere à percebida diferença entre a escolarização dos meninos e meninas migrantes busca-se pensar numa perspectiva de gênero em seu aspecto relacional, dialogando com Joan Scott (1995). Há que se compreender a realidade na qual

* Mestranda em Educação na Linha de História e Historiografia da Educação.

* Prof. Dr. do curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal.

acontece o fenômeno migratório, analisando a situação vivenciada pelas famílias a fim de buscar respostas. Acredita-se ser fundamental dar voz às minorias que durante muito tempo ficaram silenciadas nas instituições oficiais e nos estudos das ciências humanas.

Palavras-chave: Migrantes nordestinas, escolarização, Ituiutaba.

O presente artigo tem por objetivo apresentar como tem se configurado o Projeto de Mestrado, *Migrantes Nordestinas e Escolarização em Ituiutaba-MG (ANOS 1950-1960)*¹, ainda em curso, oferecendo resultados parciais. A pesquisa refere-se à escolarização das migrantes nordestinas quando essas mulheres, ainda meninas, migraram com suas famílias para a região do pontal mineiro, momento esse propício para a migração, pois que a região, nesse período (1950-1960) era anunciada como celeiro econômico, atraindo a migração.

Faz-se necessário acrescentar que consideramos como sujeitos de pesquisa, não apenas as mulheres que quando crianças migraram com suas famílias, mas também, as que nasceram no pontal mineiro e que estudaram entre as décadas de 1950 e 1960. Pois, mesmo tendo nascido em terras mineiras, essas meninas partilharam das experiências e vivências com a família nordestina, formando-se em meio à cultura e costumes dos seus.

Pretendemos compreender como se deu o processo de inserção e permanência das mulheres migrantes no sistema escolar de Ituiutaba, nos anos de 1950 e 1960. Esse objetivo se especifica ao buscarmos aprofundar no conhecimento das relações culturais entre migrantes nordestinas e tijucanos existentes no interior da escola. Ademais, queremos entender as diferenças entre a escolarização dos filhos e das filhas dos migrantes nordestinos.

A inquietação que gerou uma das questões problematizadoras do projeto de mestrado, que aqui pretendemos apresentar, deu-se a partir de pesquisa de iniciação científica². Ao estudarmos migração do nordeste para o triângulo mineiro e assim perceber quais os reflexos para o sistema de ensino, buscando, dessa forma, a compreensão do processo de escolarização dos migrantes, percebe-se um *desvio*, um componente diferenciador, que se tornou *significante* (CERTEAU, 1979). Na busca por conhecer ex-alunos migrantes nordestinos ou filhos de migrantes, percebemos singular dificuldade em encontrarmos meninos que tiveram inserção e permanência nas instituições escolares no momento escolhido para estudo. Visto que deveriam trabalhar junto ao pai, colaborando

com o sustento da família, os meninos tiveram maiores dificuldades de garantir sua educação escolar, em relação às meninas. Assim, tornou-se evidente a maior proporção³ de mulheres que tinham garantido sua escolarização, sendo que algumas completaram o primeiro grau do ensino fundamental, e outras se graduaram. Nesse sentido, Michel de Certeau explica que,

O importante não é a combinação de séries obtida graças a um isolamento prévio de traços significantes segundo modelos preconcebidos, mas, por um lado, a relação entre esses modelos e os limites que seu emprego sistemático faz aparecer, e, por outro, a capacidade de transformar esses limites em problemas tecnicamente tratáveis. Esses dois aspectos são antes de mais nada coordenados, pois se a diferença é *manifestada* graças à extensão rigorosa de modelos construídos, ela é significativa graças à relação que estabelece com eles sob a forma de um desvio – e é a partir daí que conduz a um retorno a esses modelos para corrigi-los. Pode-se dizer que a formalização da pesquisa tem precisamente por objetivo a produção de “erros” – insuficiências, faltas – cientificamente tratáveis. (CERTEAU, 1979, p. 34)

Para conhecer, então, a história dessas migrantes, a principal fonte utilizada tem sido a oral⁴ como possibilidade de dar a conhecer suas narrativas, que partindo dos questionamentos presentes da pesquisadora, contribuirão com a história local, a qual ainda pouco representa a História das Mulheres.

É importante observar, que no trabalho com as entrevistas servimo-nos da memória, e então se faz necessário ouvir as contribuições de Jacques Le Goff que aponta a memória como um dos mais importantes recursos para se conservar certas informações. Esse autor, discorrendo sobre a memória coletiva, aborda outro elemento essencial para o presente estudo, refere-se ao esquecimento como um aspecto relevante para a compreensão da memória de grupos e comunidades, pois o esquecimento sendo voluntário ou involuntário, pode indicar a vontade do grupo de ocultar ou enfatizar determinados fatos, mostrando assim as relações de poder que podem existir nas relações sociais. Assim, a memória coletiva reelabora constantemente os fatos. “O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento” (LE GOFF, 1990, p.368). E é nesse sentido, que se pretende pensar os sujeitos participantes, embora tendo sua

individualidade, mas representativas de uma coletividade, sendo, ademais, a análise do vínculo entre memória e esquecimento.

No projeto já apresentado, pretende-se “ter em mente outras fontes” (ALBERTI, 2008), como sendo de suma relevância para, na reconstrução dos fatos, a busca do máximo de verossimilhança possível. No fazer histórico são necessárias as comparações com outros documentos e suas representações simultaneamente. As testemunhas têm as suas interpretações dos fatos, portanto, é importante buscar outros documentos fazendo entrecruzamento das fontes, para que o pesquisador possa perceber as “discordâncias” presentes nessas interpretações. “Trabalho simultâneo com diferentes fontes e o conhecimento aprofundado do tema, permite perceber ‘dissonâncias’” que podem indicar caminhos profícuos de análises das entrevistas de História Oral”(ALBERTI, 2008).

Sendo assim, temos recorrido à fonte impressa, como um importante recurso, pois no período recortado para pesquisa, havia um número expressivo de Jornais⁵ na cidade de Ituiutaba, nos quais, certamente, os principais discursos, lá estavam representados. Vimos com Raquel Discini de Campos (2012) que os jornais foram e ainda o são *sujeitos da história* ao que se refere ao “poder” da imprensa de se incumbir de registrar, explicar, discutir e comentar as coisas do mundo. Todavia, temos observado um quase completo silenciamento desses impressos no que diz respeito aos migrantes. Pouquíssimos artigos foram veiculados anotando as dificuldades apresentadas por esses sujeitos que padeceram da visão preconceituosa de grande parte dos tijucanos, como temos observados. Além do mais, algumas outras poucas matérias sobre a Associação da Colônia Nordestina, que nos anos de 1960 foi criada.

Outras fontes serão analisadas, na busca por *transformar o material em história* como nos ensinou o mestre Certeau (1979), como imagens fotográficas, Atas escolares, os Livros de matrículas e outros que serão pertinentes para o trabalho investigativo. Assim, seguindo o que também podemos chamar de indícios, aos moldes de Ginzburg, que apresenta o Paradigma Indiciário, o historiador reconstrói os fatos, de forma indireta, fazendo história. Esse autor, afirma a necessidade de análise e observação, seja de sinais, de pistas, ou indícios deixados pelos acontecimentos, que são, entretanto, as fontes (Ginzburg, 1990).

O esforço por estudar a migração nordestina, mais especificamente as mulheres migrantes e de como se passou a escolarização dessas mulheres, reporta-se a um acontecimento significativo, cujo desenrolar se deu em determinado período particular e que está carregado de contextualizações – econômicas, políticas, sociais – que justificam sua escolha. Como nos ensina Antoine Prost (2012): “O tempo da história está incorporado, de alguma forma, às questões, aos documentos e aos fatos; é a própria substância da história” (p. 96).

É importante perceber, então os determinantes desse intervalo temporal, entendendo que nas décadas de 1950 e 1960 Ituiutaba e região atravessavam importante processo de desenvolvimento agrário-industrial, consequência de terras férteis. Desenvolveu-se a cultura de cereais, com maior amplitude o arroz, o que estimulou a indústria de beneficiamento de grãos. Dessa forma, suscitou importante crescimento para o pontal mineiro, no que se refere ao setor econômico.

Ademais, nesse período, houve relevante crescimento urbano, que se faz necessário abordar para melhor entendimento da relação entre educação escolar e migração. Assim, anotemos alguns dados estatísticos a partir do seguinte quadro:

Quadro – População Rural e Urbana do Município de Ituiutaba

ANO	População Rural	%	População Urbana	%	Totais
1940	30.696	88%	4.356	12%	35.052
1950	43.127	81%	10.113	19%	53.240
1960	39.488	55%	31.516	45%	71.004
1970	17.542	27%	47.114	73%	64.656

Fonte: Fundação IBGE – Censos Demográficos dos anos de 1940 a 1970.

Podemos observar um expressivo crescimento da população urbana a partir da década de 1960 e 1970, tal crescimento pode ser efeito da migração rural, fenômeno que se reproduzia em todo o país e também justificado pelo desenvolvimento por que passava a cidade, no que se refere à modernização⁶. É relevante analisar uma diminuição do número populacional na década de 1970, acontecimento que estava relacionado à emancipação de municípios antes vinculados a Ituiutaba.

Frente a esse aumento populacional, há efetiva demanda por escolarização, exercendo, assim, influência no sistema educacional, tanto que houve ampliação do número de escolas públicas, pois até a os anos 1950 eram apenas duas as escolas estaduais, sendo, por isso, maior o número de escolas particulares. Na década de 1960, outras oito escolas foram criadas, de forma que, no ano de 1970, a educação escolar na cidade era marcadamente pública (com 15 instituições de ensino), rompendo com o predomínio das instituições privadas e/ou confessionais, que diminuíram em número (SOUZA, 2010).

O poder público também se preocupou em garantir melhorias para a cidade no sentido da urbanização, ampliando-se os serviços de abastecimento de água e de iluminação pública, arborização e calçamento de ruas, construção de prédios públicos, o que atendia às demandas da população que aumentava. Na década seguinte, a mudança urbanística acelerou-se ainda mais, com a chegada do asfalto, a construção de praças, implantação do Distrito Industrial e do primeiro Campus Universitário no município (CORTES, 2001).

O contexto que apresentamos pode trazer explicações para o expressivo fluxo migratório no período exposto, mas foi, sobretudo, o desenvolvimento econômico, a partir do setor agrário e da indústria de beneficiamento de cereais que trouxe maior estímulo à migração. Ituiutaba era ostentada como celeiro econômico, tida como “*Capital do Arroz*”, informação essa que se espalhou em todo o país por meio de rádios e jornais. Dessa forma, tais *boas novas* chegavam ao nordeste, estimulando seu povo a migrar em busca de trabalho nas lavouras mineiras. Aqueles que primeiro chegavam, também divulgaram as condições do novo espaço, convidando parentes e amigos a buscarem novas condições de vida em uma nova região.

A chegada dos migrantes – trabalhadores solteiros e família⁷ – se dava nas pensões que os recebiam depois de uma longa e precária viagem nos caminhões de pau-de-arara. Na década de 1950 com o trabalho e o patrão direcionando-os para as fazendas, os migrantes muitas vezes vivenciaram situações deprimentes, que foram narradas durante as entrevistas. Como exemplo, veremos a narrativa de um pai que esteve junto à depoente e fala com tristeza de ver sua família chegar do Nordeste e ter que morar dentro de um curral de animais. Observemos que ele nem se coloca na fala, porque o que era muito doloroso ver sua família em tais condições: “Chegou na fazenda, abriram as porteira e vocês entraram e foi lá pra dentro do curral...” (Pai de OLIVEIRA, 2010)

Dessa forma, a escolarização das crianças também se deu nas fazendas, nessa primeira década, em péssimas condições: precárias estruturas, difícil acesso, salas multi-seriadas.

E era uma escola só, uma professora só. E a professora..., que a professora era prima do papai. Então, foi essa a escola. E lá... E Lúcia foi pequenininha. Lúcia não tinha idade, mas ela queria tanto ir, que ela... que a professora falou: Não, deixa ela ir. [...] Ia a pé. Ia a pé. Às vezes, depois de bicicleta. De a pé enfrentando as vacas no meio do... da estrada que tinha vaca. [...] Uma professora pra quarenta alunos, por aí assim. Eram poucos os migrantes. Era mais já, os que eram daqui mesmo. Poucos os migrantes. (LIMA, 2010)

Mas, como vimos a partir da década de 1960 ocorre aumento das escolas públicas da cidade, o que coincide com a transferência das famílias – mineiras e migrantes nordestinas – da zona rural para o setor urbano. Contudo, a relação entre os sujeitos escolares – alunas migrantes, alunos mineiros e professores – como temos observado, por meio dos depoimentos, foi sempre pontuada pelo preconceito e discriminação. Nos trechos das duas entrevistas a seguir, veremos a fala das participantes que narram as dificuldades enfrentadas. A primeira estudou em escola rural e narra a relação com o professor.

[...] esse que tinha tanto preconceito com nós quando fazia quarta série, que separava nós. Que falava: 'Eu quero nortista tudo naquele canto! Que esse povo não presta! Tudo naquele canto! Que vão brigar e vão judiar!' E punha nós tudo num canto. Nós sentado tudo num canto desconfiado com as cabeças baixa. Você acredita? (risos) Aí nós ficava lá por isso. Aí os meninos saíam pro recreio, depois que os meninos saíam é que nós saíamos, pra nós não brigar. É mole? (PIRES, 2010).

Enquanto a segunda depoente traz a mesma narrativa, embora ao estudar em instituição particular, pois sua família migrou em melhores condições que a maioria, conta da discriminação sofrida ao conviver com os mineiros na escola da cidade:

Nessa chegada minha, quando você vai pra uma escola que é de um nível aquisitivo alto, e também por você ser um migrante, havia uma pequena rejeição das pessoas em cima da gente. Então o nordestino era visto como um intruso nessa época. Então assim, o povo te olhava meio assim... você se sentia um pouco assim de lado, entendeu. Até as pessoas adaptarem com você, te aceitar. eu acho que a gente... Eu sofri um pouco com isso. Entendeu, havia rejeição do mineiro em cima do nordestino (SILVA, 2010).

Essa convivência pautada no preconceito e na discriminação, certamente era reflexo do que acontecia na sociedade tijuicana, pois como nos mostra Dalva Maria de Oliveira Silva, os migrantes trouxeram sua cultura, seu modo de vida, que foi interpretado negativamente, gerando discursos preconceituosos (SILVA, 1997).

Para pensar esse processo, apoiamo-nos nas contribuições de afirma Tomaz Tadeu Silva que ensina ser nas relações culturais que a identidade e a diferença são produzidas. Ademais, segundo o autor: “Identidade e diferença não são essência, têm que ser ativamente produzidas pelo mundo cultural e social” (SILVA, 2009, p.76). Nessa perspectiva, Silva (2009) afirma que nas relações entre diferentes culturas não há consenso, diálogo ou comunicação, mas processos que envolvem, fundamentalmente, relações de poder. E o migrante nordestino, ao chegar ao novo espaço, teve a sua identidade como migrante reforçada, assumida como diferente e inferior na hierarquia das relações locais.

No que se refere à percebida diferença entre a escolarização dos meninos e meninas migrantes ou filhos de famílias migrantes, refletimos numa perspectiva de gênero em seu aspecto relacional e buscamos diálogo com Joan Scott. Há que se compreender a realidade na qual acontece o fenômeno migratório, analisando a situação vivenciada pelas famílias a fim de buscar respostas. Assim, como nos ensina Joan Scott:

Devemos nos perguntar mais seguidamente como as coisas se passaram para descobrir porque elas se passaram; [...] Para buscar o significado, precisamos lidar com o sujeito individual, bem como com a organização social, e articular a natureza de suas interrelações, pois ambos são cruciais para entender como o gênero funciona (SCOTT, 1995, p. 86).

Podemos perceber nos depoimentos seguintes, falas que demonstram que para os meninos a escolarização se mostrou mais dificultosa:

Escola foi pouco, certo. [...] O pai não dava conta, chegou aqui, certo. E aquilo você vai crescendo, aí você vira rapazinho e não dá conta de estudar, que é preciso... aí eles precisa do seu serviço mesmo. Os próprio patrão não aceita você estudar muito, porque eles precisa do seu serviço. Se ocê for pra escola durante o ano, como é que faz? Aí não tem serviço. Aí você não estuda. [...] Eu estudei um tempo. Aí parava e ia trabalhar (LEITE, 2010).

Esse dado se confirma ainda no decorrer da entrevista desse migrante em trechos como: “Tem um pessoal que chama... Uns nortistas, que veio com nós que chama família

Bailão, nunca foi na escola. Só uma das moças ou duas, que ia com nós, lá no Capinópolis” (LEITE, 2010). Ainda em outro depoimento: “eu tiro pelo cunhado meu. A minha irmã teve muito filho, eles morava na fazenda... Difícil! ‘Pobre de Jó’. Então tinha muito menino homem. Não queria que os filho estudasse, queria só que trabalhasse” (PEREIRA, 2010).

Necessário se faz apresentar o que compreendemos da rotina diária das meninas migrantes para ampliarmos nossa investigação. As famílias também contavam com a colaboração das filhas na lida diária, e isto está presente em todos os depoimentos. Podemos observar, como exemplo, o depoimento de uma migrante, que embora em tenra idade, já enfrentava os serviços pesados para colaborar com a manutenção da família. Apesar disso, sempre estudou e terminou a graduação. Hoje está aposentada da profissão de professora de matemática:

Quando eu comecei a trabalhar eu tinha sete anos. [...] eu era menina, mas como eu era muito ativa, era eu e meu irmão. [...] Nós levantava de quatro horas, ia na carreira pros cavalos. Punha os cavalos pra dentro, tratava dos porcos, ia buscar água. Por quê? Porque a cisterna, a água fica barrenta e secava. Aí nós... Nossa casa era a primeira a ser abastecida. Quando era cinco e meia, nós já tava tudo com os latão, tudo que nós tinha, cheio d’água, que era pra poder nós... Aí depois dessa hora, nós ia trabalhar, ajudar, puxar cavalo, pra levar a comida na roça. As bacia de comida... Punha as rodias, que a gente fazia de pano. [...] Nós levava as comida e vinha na carreira pra nós almoçar, tomar banho e ir pra escola. Porque três horas nós tinha que sair da escola e levar a janta. Tá bom? E ainda pra chegar e ser xingado de nortista, ser achincalhado? (PIRES, 2010)

Em vista do que aqui pudemos expor, alguns questionamentos nos inquietam, pois ao que parece houve um maior investimento dos pais na escolarização das meninas. Assim, haveria uma intencionalidade protetora dos pais frente ao trabalho feminino? O investimento na escolarização das meninas teria o objetivo de reforçar inconscientemente o “[...] papel da mulher como reprodutora e guardiã da ordem, uma ordem que não se deve questionar com o trabalho feminino”? (DHOQUOIS, 2003, p.45). Seriam então, essas meninas migrantes consideradas “sexo frágil”⁸, pois deveriam os meninos trabalharem nos serviços pesados da roça e a elas caberiam ir à escola?

Conclusões parciais

Ainda estamos nos debruçando sobre essas indagações, porém como vimos, a mulher migrante nordestina teve que conviver com o preconceito desde que chegou à região do pontal mineiro. Teve sua infância e a adolescência envolvida com o enfrentamento nas questões de discriminação cultural e sua escolarização pontuada de preconceito. Todavia, observamos que nesse enfrentamento a sua postura foi a de resistência, pois ela não recuou frente a ordem estabelecida e hierarquizada. Além disso, essa mulher, que ainda era menina, encarou as dificuldades sociais, pois que migravam em situações extremamente precárias. Trabalhar cotidianamente ajudando a família e ainda buscar uma forma de manter-se escolarizada, demonstra a superação de mais um desafio na sua história.

Nesse sentido, a histórias das mulheres migrantes nordestinas deve ser escrita, investigada e pensada sobre vários aspectos. Ela tem se mostrado uma história de luta contra a discriminação; de luta por espaço e combate às normatizações impostas.

- **ios):**

¹ Mestrado em Educação na Linha de História e Historiografia da Educação da Universidade Federal de Uberlândia - PPGED

² Projeto “Das Alagoas às Gerais: Migrantes Nordestinos e Escolarização no Pontal do Triângulo Mineiro (anos 1950 a 2000)”. Tem como objetivo central estudar os fluxos migratórios nordestinos para o município de Ituiutaba e seus reflexos no sistema de ensino.

³ Apenas conseguimos entrevistar um migrante nordestino que, enquanto criança teve inserção em escolas rurais e depois de adulto conseguiu poucos estudos em escolas urbanas, mas relata as dificuldades para garantir sua permanência nessas instituições já que havia que trabalhar junto ao pai colaborando com a subsistência familiar.

⁴ Até agora foram realizadas 14 entrevistas, sendo um homem, duas professoras e onze mulheres.

⁵ “Gazeta de Ituiutaba” (1949 a 1952), impresso em duas folhas, era de propriedade da antiga Gráfica Ipiranga S/A, sob a direção de Benjamin Dias Barbosa;

“Folha de Ituiutaba” (1952 a 1964), impresso em duas folhas, era de propriedade do diretor Ercílio Domingues da Silva, tendo como redatores Geraldo Sétimo Moreira e Manoel Agostinho;

“Correio do Pontal” (1956 a 1959) circulava em duas folhas, tinha como diretor-proprietário Pedro de Lourdes Morais e a participação de colaboradores diversos;

“Correio do Triângulo” (1959 a 1965) circulação em três folhas, possuía como proprietário Benjamin Dias Barbosa, direção e redação de Jayme Gonzaga Jayme e como diretor comercial Joaquim Pires das Neves; “Cidade de Ituiutaba” (1966 a 1970), impresso em duas folhas, pertencia ao diretor-redator Benjamin Dias Barbosa;

“Município de Ituiutaba” (1967 a 1970) controlado por órgão oficial, variava de três a quatro folhas e circulava em edições semanais.

⁶ O conceito aqui apresentado se refere *ao sentimento de ruptura com o passado* de que nos fala Jacques Le Goff (1990).

⁷ A História dos Trabalhadores migrantes foi contada na Dissertação de Dalva de Oliveira Silva “*Memória: Lembrança e Esquecimento. Trabalhadores Nordestinos no Pontal do Triângulo Mineiro (Décadas de 1950 e 1960)*”.

⁸ Durante séculos a mulher foi tratada tanto pela medicina, quanto pela religião, a política e outros importantes setores que determinavam o discurso representativo da visão do feminino, como suposto sexo frágil. No livro *O corpo feminino em debate* os autores discutem as determinações de fragilidade do corpo feminino em diversos períodos da história desde o Renascimento até o século XX (MATOS & SOIHET, 2003).

Referências Bibliográficas:

ALBERTI, V. FONTES ORAIS: Histórias dentro da História. In: PINSKY, C. B. (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.

CAMPOS, R. D. NO RASTRO DOS VELHOS JORNAIS: considerações sobre a utilização da imprensa não pedagógica como fonte para a escrita da história da educação. *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 12, n. 1, p.45-70, Campinas-SP., jan./abr. 2012.

CARLO, G. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: CARLO, G. *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Editora Schwarcz, p. 143-179, 1990.

CORTES, C. D.C. *Ituiutaba Conta a sua História*. Ituiutaba, EGIL, 2001.

LE GOFF, J. *História e memória*. Tradução de Stória e memoria. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 1990.

PROST, A. *Doze lições sobre a história*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

SCOTT, J. W. O enigma da igualdade. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 001, p. 11-30, jan./abr. 2005. Disponível em:

<<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/381/38113102.pdf>> Acesso em 06 jun. 2011.

SILVA, T. T. da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

SOUZA, S. T. O Universo Escolar nas Páginas da Imprensa Tijucana (Ituiutaba-MG – anos de 1950 e 1960). *Cadernos de História da Educação*, vol. 9, n.2, jul/dez.2010.

Fontes

- **Entrevistas (nomes fictícios):**

- ⇒ (LIMA, Maria), entrevista em fevereiro/2010 – migrou em 1952, vindo de Caicó-RN, era criança;
- ⇒ (PEREIRA, Joana), entrevista em março/2010 – migrou em 1944, vindo de Santana de Matos-RN;
- ⇒ (SILVA, Rita), entrevista em março/2010 – migrou em 1950, vindo de São Vicente-RN na primeira infância.
- ⇒ (JUNQUEIRA, Aparecida), entrevista em fevereiro/2010– filha de migrantes que vieram nos anos de 1950.
- ⇒ (OLIVEIRA, Ana), entrevista em março/2010 – migrou em 1953, vinda de Florânia-RN.
- ⇒ (PIRES, Laura), entrevista em abril/2010 – filha de migrantes que vieram no ano de 1954.
- ⇒ (LEITE, Mario), entrevista em abril/2010 – migrou em 1958, vindo de Cabeçudo na Paraíba.
- ⇒ (BARBOSA, Zilá), entrevista em dezembro/2010 – professora nascida em Ituiutaba, em 1947. Começou a lecionar em 1967.
- ⇒ (FERREIRA, Divina), entrevista em novembro/2010– professora que migrou de SP para Ituiutaba com quatro anos, em 1950. Começou a lecionar aos 17 anos.

- **Jornal:** Consulta às Coleções do jornal: “Folha de Ituiutaba”, constante do acervo da Fundação Cultural de Ituiutaba.
- **INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA:** Recenseamentos de 1940, 1950, 1960 e 1970.